

Espaço

Para ti, agora que começo a entender.

Vejo sobretudo as ondas. Mais que uma vez sinto-me pequeno sob este movimento crescente: agora, sem querer, descubro como funciona: trata-se de uma lâmpada de lava cujas formações, livres e autónomas, representam algo na minha vida, situações, problemas, propósitos, recordações, sobretudo recordações de qualquer tipo, inclusive falsas experiências, pensamentos em forma de círculos; posso, agora, apesar dos condicionantes, da escuridão e da assimetria, desenhar cada uma destas manchas como se fossem bactérias analisadas no microscópio da escola, observar cada movimento e presenciar, em primeira mão, como absorvem a minha vida.

Mais ou menos assim: no meu quarto, agora, à noite, enquanto todos dormem, enquanto não há luz, estou a pensar em tudo, no dinheiro, no amor, no dia seguinte, no anterior, em todo o caso a pensar no universo, porque (descubro, agora) pensar é como uma fotografiazinha do céu gravada no interior da cabeça numa noite do mês de Novembro de 2018; basta ver, aqui, neste momento, o dia em que a minha irmã Y. foi atropelada por uma moto: Y. numa esquina, perdida na cidade, na rua, no centro, envolta em pensamentos, recordações, ou, como se costuma dizer, absorta, foi, quase de modo inexplicável, atropelada por uma moto, contrariando, assim, a lógica arcaica do movimento e da mecânica: quanto mais repouso, mais pensamento, mais produção, a não ser, claro, que o homem, o condutor da moto, seduzido e levado pelo movimento mais puro, pela velocidade mais ansiada (o pássaro que durante o voo roça a superfície do rio), tenha produzido mais pensamento, o suficiente para gerar um choque de corpos muito mais irrefletido que o contacto dos meus pés com o chão frio, agora, quando me levanto e saio do quarto e vejo, no final do corredor, encostado à janela do salão, uma figura, alguém, um homem, quiçá mais perdido, porque está fora do seu quarto a estas horas da noite, quando todos dormem, quando todos pensam no dia de amanhã com os olhos fechados, por isso creio que ele não está bem, que está agitado, e além disto, durante a conversa, agora, não sei se as palavras são mediadas: eles, os sons e os significantes, surgem como música de fundo, como acompanhamento, como sonho, e dão, não por acaso, mais sentido a cada sensação, a cada gesto dele, que, contrariamente àquilo que eu pensava quando o vi, fala muito e não deixa espaço, como se tentasse não

pensar: está-me a dizer, aliás, que tem, desde ontem, desde que está só, o propósito de encontrar, seja como for, a distração absoluta, sair e ser mais exterior que a sua própria sombra, a missão, ingénuo e contraproducente, de existir mais para deixar de existir; evitar que a sua realidade (segundo ele: o reflexo da lua e das estrelas numa piscina particular) contamine o mundo partilhável, a casa, o prédio, o bairro, os edifícios, as luzes, a cidade.

Agora, aqui, apercebo-me de que se trata de distância e posicionamento: ele atua como se o pensamento e os sentidos não estivessem sincronizados, fala, apoiado no corrimão da janela, contemplando as costas dos prédios, discute sobre algumas pessoas, sobre alguns temas, sobre o quotidiano, sobre pessoas talvez demasiado importantes para ele, e dá exemplos: diz que no outro dia sonhou que recebia uma chamada de O., o seu irmão, o único irmão dele, que vive no estrangeiro, longe, e diz, também, agora, que sentiu, depois de muito tempo, de muitos anos, saudades, que não sabe porquê existe tanta distância: vê-se, entre palavras, a dormir a sesta com O. no carro do pai, vê mangas doces e o muro verde da escola, sente, como se ouvisse pelos olhos, a voz da televisão SONY do quarto antigo, as orações da bisavó, que mais que orações parecem sussurros de recordações, como se cada experiencia se regenerasse e justificasse o passado como único tempo possível, vê-se com O., apesar da posição no espaço de cada um, a partilhar sob a luz da cozinha pedaços de uma memória comum, tudo isto enquanto ele abre a boca e modula, acrescenta, pensa, concorda com algo que nada tem que ver com o momento em que A., a mulher que ele ama, o abandona num dia considerado, pelo menos por ele, normal, liso, tão quotidiano como o movimento dos estores, dos sapatos, dos carros vermelhos.

Ele, mais novo, no quinze de Abril de 2010, quatro semanas depois de conhecer A., na rua, só, sente-se só, quiçá porque não tenha sido boa ideia passar tanto tempo em casa de A. até às tantas horas da noite, até não haver carros nem pessoas na rua, mas apenas capacetes molhados, por isso caminha a avenida com as mãos nos bolsos, com muita precaução, atento a qualquer sombra, não vá ele dar um desgosto às pessoas que dizem gostar dele, e vê como se vai afastando da casa de A., do sofá de A., do vestido de A., cada vez mais, apesar do desejo de ficar aí para sempre, durante todo o tempo, até o sol nascer e entrar pela janela do salão, mas (diz ele, sim?) o melhor seria ficar oculto na escuridão, esticar o agora, aqui, enquanto dialoga, talvez resignado mas consciente da distância para com o mundo, porque o mundo está sempre aí fora e explode e cada

pedaço, maior ou menor, mancha, toca, alcança, e os efeitos crescem como a humidade e as plantas selvagens: ele, não sei por que razão, sente que o interior é mais coercivo do que qualquer exterioridade, como se *estar nos sapatos* fosse uma conceção do mundo e os seus sapatos fossem um túnel infinito.

E ele sente, observa surpreendido os carros noturnos, as ruas, o vazio, os papéis, como se apenas tivesse a intuição e o seu contacto com cada objeto fosse imediato, vê, agora, sem deixar espaço, no salão, a casa dos avós, o dia do seu vigésimo aniversário, a festa no terraço e os copos de plástico e o bolo, A. numa aula de Sociologia, A. num domingo à tarde na casa dos pais, descalça, a primeira vez que foi ao cinema, os seus colegas sentados no passeio a sacudirem os sapatos, uma bola, espuma, a sua terra natal, lá, longe, do outro lado, perdida, tão distante que a consegue sentir em cima, pesada, vê a imagem conservada pelo poder imaterial da memória que sempre permitirá reconhecer um lugar depois de demasiado tempo, como a luz do pátio da escola que ainda não entra no salão, apesar da força, porque uma coisa puxa outra, inclusive quando se está parado, estático, durante a noite, num salão, há várias horas, há muito tempo, combatendo algo, o mundo, o Outro, num duelo particular no meio da guerra, no mesmo sítio, num quadrado, numa parcela que toca os sapatos, os pés, cada osso, o estômago, o coração, porque a ação está tão concentrada que passa, como dizer isto?, inadvertida: com cada recordação, misturam-se experiências, como se a luz e o movimento saíssem pelos olhos e formassem algo novo, ou contribuíssem para a construção daquilo a que se chama memória, que, na cabeça dele, está ligada à incompreensão do mundo, mas sobretudo ao absurdo dos acontecimentos que marcam a sua vida, e talvez estimulado pelo silêncio, pela sensação, confessa, conta-me ao ouvido, que, agora, descobre que há algo que o distingue dos outros: que sua cabeça cresce como borbulhas de sabão, que está perdido, que há demasiada distância, sempre, que quando a luz entrar pela janela do salão não haverá nada no espaço, apenas ele, só.